

Painel de Conjuntura Macroeconômica

agosto 2017

Semana 3

▪ Opinião

- Varejo e Shopping Center: de olho no novo consumidor.

▪ Confiança

- Leve queda na confiança da indústria e do comércio em julho/17.

▪ IPCA

- Segue esteira de alta nas projeções para 2017 pela 4ª semana.

▪ Câmbio

- Mercado precifica a má gestão fiscal e o cenário externo dirá o limite.

▪ Mercado de Trabalho

- Julho/2017 com saldo positivo na geração de empregos formais.

▪ Tecnologia

- OECD e TCU: Visões e previsões para uma melhor governança.

Estimativas para encerramento do ano - Brasil

Estimativas para Encerramento do Ano - Brasil	2017	2018
PIB (% do crescimento)	0,34	2,00
Produção Industrial (% do crescimento)	1,03	2,01
Inflação - IPCA (%)	3,50	4,20
SELIC	7,50	7,50
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	51,70	55,13
Taxa de Câmbio - fim do período (R\$/US\$)	3,19	3,34
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	61,00	48,50
Investimento Direto no País (US\$ Bilhões)	75,00	76,75

Fonte: Bacen

Agenda da Semana

- 14-08 Relatório Focus (Bacen)**
- 14-08 Balança Comercial (MDIC)**
- 15-08 Pesquisa Mensal do Comércio - Junho/2017 (IBGE)**
- 16-08 IGP (10) Agosto-2017 (FGV)**
- 16-08 IPC (S) 2ª quadrissemana Agosto/2017 (FGV)**
- 16-08 Fluxo Cambial - Semanal (Bacen)**
- 17-08 IBC-Br (Índice de Atividade Econômica do Banco Central) Junho/2017 (Bacen)**
- 17-08 Pnad Contínua 2º Trimestre/2017 (IBGE)**
- 18-08 IGP-M 2ª prévia de Agosto/2017 (FGV)**
- 18-08 IPC 2ª quadrissemana Agosto/2017 (Fipe)**

Opinião

Varejo e Shopping Center: de olho no novo consumidor.



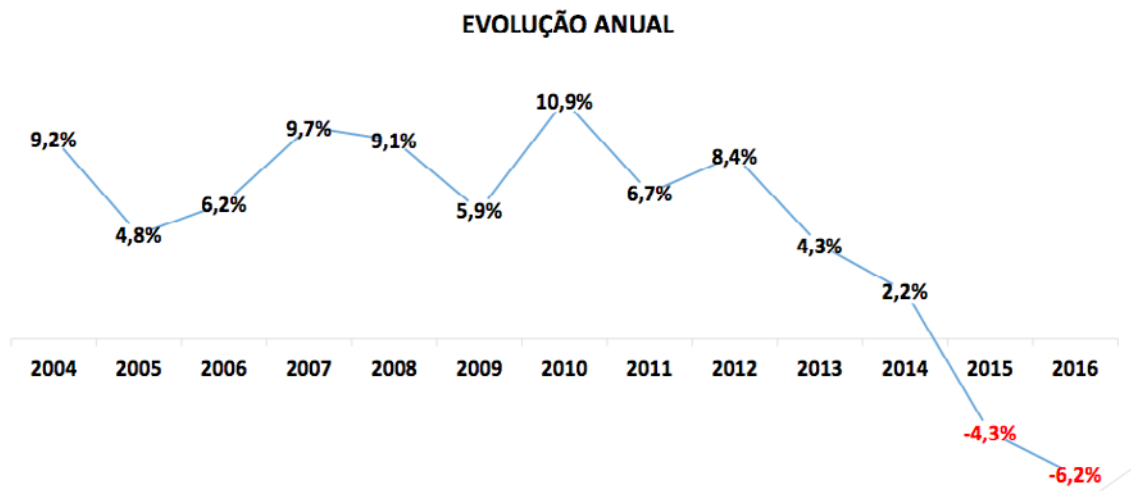
Maria Flavia Rondon Lima*

Cenário macroeconômico do mercado de Shoppings:

O varejo se posicionou como um dos setores protagonistas no desenvolvimento do país, devido ao seu consistente crescimento nos últimos anos. No cenário brasileiro, a representatividade do varejo restrito (aquele de bens de consumo que exclui carros e construção) é de 23,62% de impacto no PIB, com um volume anual de R\$1,4 tri em 2015. Em virtude do seu papel na economia, está fortemente associado com as mudanças na conjuntura econômica, uma vez que os fatores indissociáveis para a ocorrência das vendas são o nível de confiança do consumidor, crédito, emprego e renda.

Sendo assim, as incertezas e a crise política que assolaram a economia do Brasil nos últimos anos tiveram impacto direto no setor, principalmente nos anos de 2015 e 2016, em que as taxas de crescimento frente ao ano anterior foram negativas, conforme aponta a Figura 01.

Números do varejo restrito



Fonte: SBVC – Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo.

Em 2017, as perspectivas de melhora na confiança do consumidor em um cenário mais otimista, em conjunto com a injeção na economia dos saques das contas inativas do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), fizeram com que o desempenho de vendas apresentasse uma leve e lenta recuperação. Apesar da expectativa da inflação mais baixa e continuação do ciclo de queda de juros, as previsões do varejo para o segundo semestre se mantêm controladas em uma retomada gradativa, uma vez que a recuperação do emprego e a massa salarial são imprescindíveis para o fechamento da equação de retomada do crescimento como um todo.

Diante dessa perspectiva, os Shoppings despontam não apenas como mais um formato de varejo ou um negócio imobiliário, mas também como um papel fundamental no desenvolvimento da comunidade em que está inserido, promovendo o progresso e a valorização do entorno, segurança e emprego. Frente a um cenário adverso, o setor finalizou 2016 com um fluxo de mais de 438 milhões de pessoas e um faturamento de R\$ 157 bilhões, que representa um crescimento de 4,3% frente ao ano anterior.

Números do setor:

Segundo dados da Associação Brasileira de Shopping Center (Abrasce), existem hoje 562 shoppings em operação, que entregam aos seus clientes e consumidores mais de 15 milhões de m² de Área Bruta Locável (ABL) com mais de 100.000 lojas e 1 milhão de empregos gerados. Para 2017 estão previstas inaugurações de 13 empreendimentos, o que representa a perspectiva de retomada do setor.

Desafios e Tendências para o setor:

É fato que além da conjuntura econômica desfavorável, o setor passa por um momento de transformações importantes, como aponta Eduardo Terra, presidente da Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo. O avanço da tecnologia e a evolução do *e-commerce* no mundo trouxeram não apenas um desafio diário de mercado para os varejistas, com as inúmeras possibilidades disponíveis, mas também um novo perfil de consumidor que precisa ser compreendido. Conectado em diferentes canais, integrado ao meio digital, com acesso ilimitado à informação, acostumado com personalização e respostas rápidas o tempo inteiro, esse consumidor é mais atento e está modificando o seu comportamento de compra.

Diante deste novo perfil de consumidor, os shoppings precisarão passar por mudanças de posicionamento para atender e entender todas essas expectativas. A tendência é que se tornem espaços mais humanizados, sustentáveis, com a valorização do externo e de elementos naturais ao mesmo tempo em que devem se tornar cada vez mais centros multiusos, que geram conveniência ao consumidor demandante de serviços e lazer. Além disso, fatores como a integração entre o "online" e o "off-line", foco total nas necessidades do cliente e, principalmente, a valorização da interação humana serão os elementos que, no fim do dia, entregarão a grande experiência positiva que o novo consumidor tanto persegue e que não encontrará no mundo digital.

****Maria Flavia Rondon Lima** é aluna do Mestrado em Governança Corporativa e Sustentabilidade do ISAE, engenheira civil formada na UFPR e atua como analista de qualidade da Brmalls.*

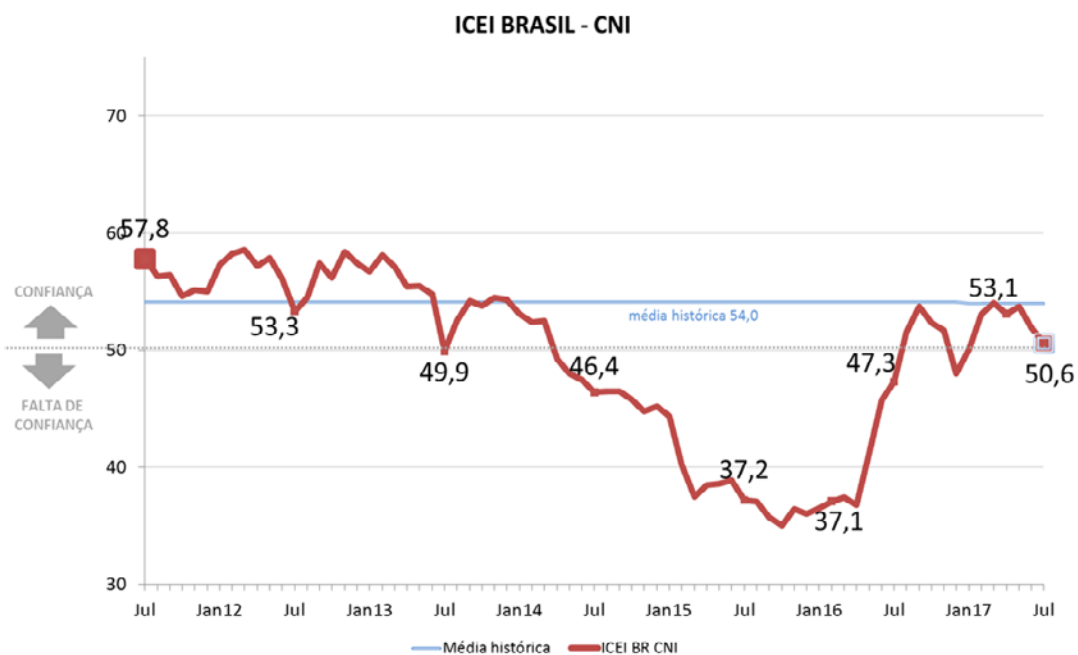
Confiança

Leve queda na confiança da indústria e do comércio em julho/17.

Christian Frederico da Cunha Bundt *

As confederações do comércio (CNC) e da indústria (CNI) divulgaram seus índices de confiança para o mês de julho de 2017.

A CNI apurou nova queda, de 1,3 pontos, no Índice de Confiança do Empresário da Indústria (ICEI) em julho/17 frente a junho/17, ficando o índice em 50,6 pontos muito próximo do limite da zona de confiança (acima de 50 pontos). Conforme gráfico a seguir, a zona de falta de confiança é abaixo de 50 pontos.



Fonte: CNI.

Ainda assim, o índice de julho/17 é maior em 3,3 pontos comparativamente com o de julho/16. Todos os componentes do ICEI (índices de condições atuais + índice de expectativas da Indústria), bem como todos os segmentos e portes de indústrias mostraram queda na confiança.

A CNC também divulgou queda de 0,9% no Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICEC) na passagem de junho/17 para julho/17. Entretanto, o ICEC segue situado na zona de avaliação positiva, com 101,5 pontos, ainda indicando otimismo dos comerciantes. Segundo a CNC, a redução na confiança dos comerciantes nos dois últimos meses reflete as incertezas que predominam no ambiente político. Dos três componentes do ICEC (condições atuais + condições futuras + investimentos do comércio), foi a disposição para investimentos que levou o índice para baixo. Ou seja, apesar do ICEC estar na área da confiança, a pesquisa apontou que a intenção de investir na contratação de funcionários foi menor em julho/17 em relação ao mês anterior. Ainda assim, o ICEC é maior que no mesmo mês do ano passado (pouco acima de 90 pontos).

Apesar da queda nos dois importantes indicadores, ambos apresentam melhora quando vistos na perspectiva anual. Ou seja, em 2017 a confiança dos empresários do comércio e indústria está melhor que em 2016, o que corrobora também os índices de confiança da Fundação Getúlio Vargas, vistos na edição da segunda semana de agosto/17 deste Painel. Apesar disso, os dois índices ainda estão próximos dos valores mínimos para confiança ou próximos da área de falta de confiança. Essa menor ou pouca intensidade da confiança é um entrave adicional à reativação dos investimentos em quaisquer dos setores.

A CNC também divulgou a Intenção de Consumo das Famílias (ICF), que registrou aumento de 0,2% na avaliação mensal (de junho para julho) e aumento de 12,5% em relação a julho de 2016.

INDICADOR	JUL/17	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL
Emprego atual	107,5	0,3%	6,9%
Perspectiva profissional	95,5	-1,1%	2,1%
Renda atual	90,5	0,1%	6,5%
Compra a prazo	70,4	1,5%	11,2%
Nível de consumo atual	54,6	1,8%	24,2%
Perspectiva de consumo	70,7	-0,2%	32,4%
Momento para duráveis	51,7	-0,1%	25,8%
ICF	77,3	0,2%	12,5%

Fonte: CNI.

Apesar de ser a primeira alta desde março de 2017 e representar mais de 10% em relação ao ano anterior, o ICF ainda permanece em nível abaixo da zona de indiferença, o que indica uma percepção de insatisfação com a situação atual (menor que 100 pontos).

**Christian Frederico da Cunha Bundt é Administrador, professor pesquisador II da Universidade Estadual de Ponta Grossa e membro do Conselho Deliberativo da Associação Empresarial e do Observatório Social de São José dos Pinhais.*

Inflação

IPCA segue esteira de alta nas projeções para 2017 pela 4ª semana.

Patrick Silva*

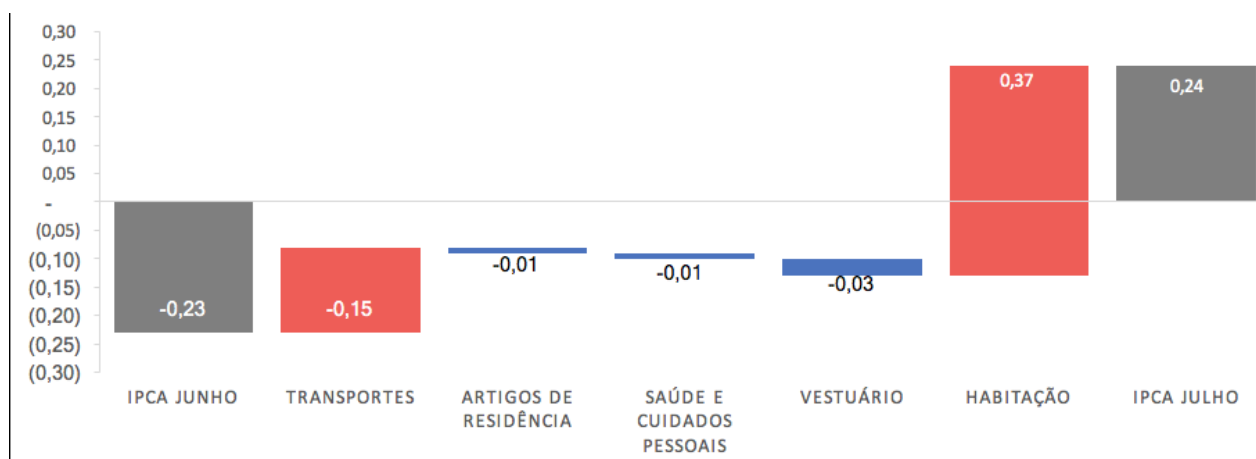
Após a divulgação do IPCA do mês de julho de 0,24%, o mercado financeiro tem elevado as expectativas de inflação para 2017 pela quarta semana, chegando a 3,50% contra 3,29% de um mês atrás. As TOP 5 do boletim Focus, composto pelas instituições que mais se aproximam do índice, estão praticamente em linha com o mercado, projetando o ano em 3,49%. O acumulado em 12 meses encerra em 2,71%, ficando abaixo do piso da meta do Banco Central, atualmente em 3%, sendo o centro da meta de 4,5% e o teto em 6%.

	2017				2018			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento Semanal
Mediana	3,29	3,45	3,50	▲ (4)	4,20	4,20	4,20	● (4)
Top 5	3,07	3,09	3,49	▲ (1)	4,49	3,98	4,20	▲ (1)

Fonte: Banco Central do Brasil.

O mês de junho demonstrou o foco dos efeitos inflacionários basicamente em habitação e transportes, guiados pelos aumentos nos combustíveis e energia elétrica. Para o mês de agosto a expectativa é de IPCA próximo de 0,50%, que caso se realize será a maior variação para um mês nesse ano.

Composição da Variação IPCA



Fonte: IBGE.

**Patrick Silva é especialista em Controladoria e Finanças, graduado em Ciências Contábeis, com Especialização em Controladoria, com MBA Executivo em Finanças pela FGV/SP, e aluno do Programa CFO Strategic ISAE|IBEF*

Câmbio

Luciano De Zotti*

Às vésperas do anúncio que oficializará o aumento da dívida pública brasileira, a cotação da moeda americana fechou em forte alta, cotada a R\$/US\$ 3,2020.

É dado o aumento do déficit primário, que poderá atingir R\$159 bilhões. Este aumento enfraquece a forte credibilidade da equipe econômica até então. O que era tido como um dos pilares da recuperação, terá um forte abalo demonstrando que houve mais credibilidade do que ação e resultado efetivo. A equipe

econômica não conseguiu conter um governo barganhador e gastador. Resta ainda uma expectativa de aumento de impostos, embora esta mesma equipe, em conjunto com o presidente Michel Temer, façam força para negar. Ambas opções são péssimas.

Todas as manobras internas do governo têm significativo peso perante as agências de rating. Estas agências podem reavaliar a nota de crédito do país, nota esta já debilitada, resultando numa entrada menor de divisas e conseqüente menor liquidez.

Neste cenário interno de fortes incertezas e contradições, em que alguns indicadores demonstram um início de recuperação e o déficit público sinaliza um futuro ruim, serão necessárias mais razões negativas para uma maior desvalorização do Real.

O cenário externo deve fortalecer o processo de desvalorização do Real em função da aversão ao risco gerada pela possibilidade de um conflito geopolítico entre nações e também por conta da crescente chance de elevação da taxa de juros americana em dezembro de 2017.

**Luciano De Zotti é economista e especialista em finanças empresariais. Atua como CFO de um Grupo econômico e como professor de economia e finanças.*

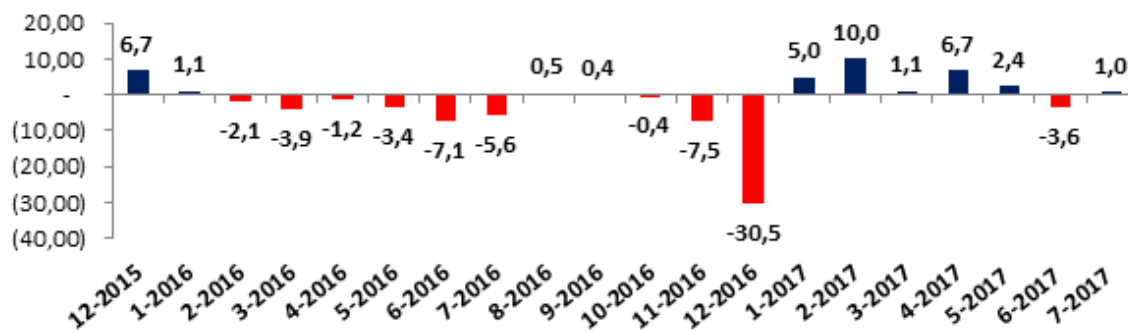
Mercado de Trabalho

Julho/2017 com saldo positivo na geração de empregos formais.

Jefferson Marcondes*

De acordo com os números divulgados pelo CAGED, no último dia 09 de agosto de 2017, o estado do Paraná terminou o mês de julho-2017 com saldo positivo na geração de empregos formais, com um total de 959 vagas. No ano, o estado ocupa a 5ª colocação no ranking nacional de geração de empregos formais, com um saldo de 24.042 vagas, ficando atrás apenas de São Paulo com 86 mil, Minas Gerais com 68 mil, Goiás com 45 mil e Mato Grosso com 27 mil. A sequência de saldos positivos na geração de empregos formais em 2017 indica que atividade econômica no estado está apresentando sinais de recuperação.

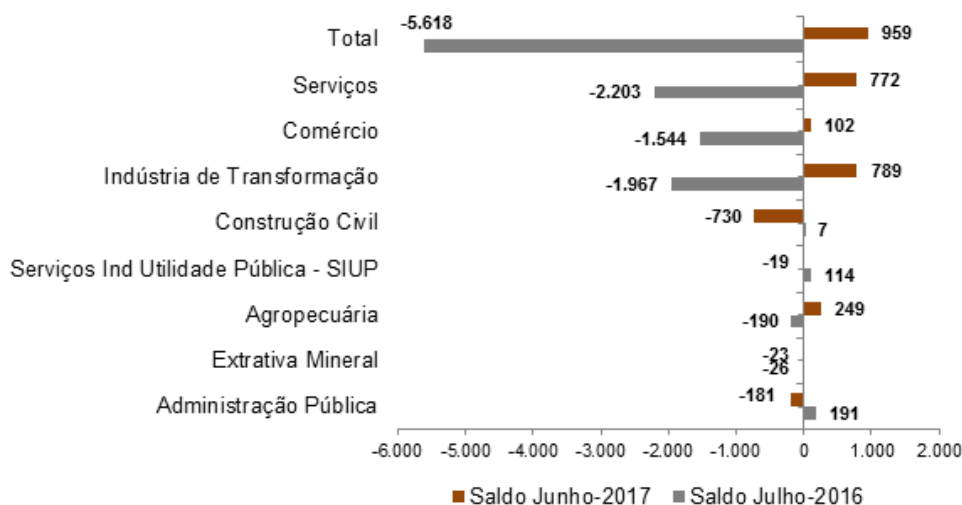
Evolução do saldo de emprego no Paraná



Fonte: Caged.

Com relação aos setores de atividades econômica, a comparação com julho de 2016 mostra que o saldo positivo se deve ao setor da indústria de transformação que terminou o mês com um saldo positivo de 789 vagas contra um saldo negativo de no mesmo período do ano anterior de (1.967) vagas, com destaque para a indústria de produtos alimentícios, indústria mecânica e indústria química farmacêutica/perfumaria.

Saldo vagas Paraná (Jul-2017/ Jul-2016)



Fonte: Caged.

Também merece destaque o setor de serviços, que terminou com saldo de 772 vagas (sobressaindo-se nesse setor o Comércio e Administração de Imóveis) e o setor de agropecuária, que fechou o mês com um saldo de 249 vagas.

**Jefferson Marcondes Ferreira é economista, especialista em Controladoria pela Universidade Positivo e atua como profissional de finanças há 13 anos. Atualmente, trabalha numa empresa de meio ambiente ligada a reaproveitamento de materiais para matriz energética.*

Tecnologia

OECD e TCU: Visões e previsões para uma melhor governança.

Christian Geronasso*

A OECD Public Governance Reviews, parte da OECD (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), publicou em 7 de agosto de 2017 relatório¹ construído com a colaboração do TCU (Tribunal de Contas da União) sobre visões e previsões para uma melhor governança. O relatório tem o foco em quatro funções chave da governança que são críticas para o desenho e execução de políticas que possam melhorar as condições fiscais, econômicas, sociais e ambientais do Brasil. Na sessão 3 com o título “Auditoria para um orçamento mais estratégico e sustentável no Brasil”, em tradução livre, no Box 3.1, no primeiro marcador uma frase chama a atenção: “O Brasil não possui um planejamento de médio prazo alinhado com as prioridades governamentais” (Imagem abaixo).

Box 3.1. TCU audit findings: misalignment between multi-annual priorities and annual budgets

TCU’s recent survey report provides a comparison of good practices in budgeting and established by the OECD and the International Monetary Fund (IMF). It outlines areas for improvement and good practices for Brazil’s public administration, providing recommendations to Brazil’s Ministry of Planning, Development and Management (*Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, MP*).

The key findings related to qualitative and quantitative elements of the budget were as follows:

- “Brazil does not have a medium-term plan aligned with government priorities; in view of the discrepancies in the forecasts of macroeconomic parameters, and changes in primary and nominal result targets, in order to adjust them to government spending, it is not possible to say that, in Brazil, budgets are being managed with clear boundaries, credible and predictable in fiscal policy.” *This element of analysis pertains to OECD recommendation 1: Manage budgets within clear, credible and predictable limits for fiscal policy.*

A recomendação da OECD neste caso é o gerenciamento dos orçamentos com clareza, credibilidade e limites previsíveis para uma política fiscal, em tradução livre. Traçando um paralelo com o setor privado, semanalmente são entregues milhares de relatórios como este, construídos por grandes consultorias, para diversas empresas no Brasil. A utilidade é indiscutível, configurando-se no “mapa de calor” que orienta qual caminho seguir. Estes relatórios precisam apenas da ponte com a tecnologia/soluções a ser utilizada para atingimento do objetivo, caso contrário serão rapidamente convertidos em mais uma tentativa de chegar a

algum lugar, resultando na vulgarização do termo “Consultoria”.

O planejamento e consolidação de informações é uma dor comum e independe do segmento industrial, público ou privado. Esta dor pode ser atenuada por sistemas de gestão desatualizados, filiais ou matriz internacional e pelo número de PPC (Planilhas por Colaborador), indicador inventado pelo autor deste texto para abrir a sessão de siglas.

A necessidade de consolidação, planejamento, previsão, reconciliação, entre diversas outras dores, principalmente da área financeira das empresas, devem ser endereçadas com as soluções de Corporate Performance Management (CPM) e suas subdivisões financeira e estratégica, adicionando apenas o F ou S à frente da sigla, respectivamente (FCPM e SCPM). Indiferente da complexidade da empresa os CPMs auxiliarão na centralização das informações, reduzindo o esforço para apurações financeiras e consequentemente o retrabalho. De acordo com a consultoria Gartner os principais fornecedores destas soluções hoje são:



1Brazil's Federal Court of Accounts: Insign and Foresight for Better Governance (<http://bit.ly/2i0e133>)

***Christian Geronasso** é consultor, com mais de 10 anos de experiência, especializado na identificação e construção de valor em diversos segmentos empresariais, com MBA em Gestão Estratégica de Empresas pelo ISAE FGV.

Painel de Conjuntura Macroeconômica

Atento ao quadro de instabilidade econômica e com o intuito de auxiliar nas tomadas de decisões do mercado, o ISAE reuniu profissionais das áreas financeira e econômica e criou o Comitê Macroeconômico, com o objetivo de agregar valor à sociedade por meio de pesquisas, análises e interpretações de dados macroeconômicos.

O Comitê Macroeconômico é coordenado por Rodrigo Casagrande, professor do Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE, e Fabio Alves da Silva, executivo de finanças da Renault. É composto por profissionais que possuem competências complementares, provenientes de diferentes instituições, como ISAE, Banco Central do Brasil, Renault e SEBRAE.

O comitê também conta com a participação de alunos do CFO ISAE, programa desenvolvido com o objetivo de capacitar o profissional de finanças em conceitos e temas técnicos específicos da teoria financeira que ajudam na condução estratégica dos negócios, trazendo a visão de pessoas que impulsionam as ações e potencializam resultados, além de alunos do Programa de Mestrado em Governança e Sustentabilidade do ISAE.

EQUIPE TÉCNICA

Adriano Bazzo

Christian A. Geronasso

Christian Bundt

Luciano De Zotti

Jefferson Marcondes

Patrick Silva

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Fabio Alves da Silva

COORDENAÇÃO GERAL

Rodrigo Casagrande



ISAE

Escola de Negócios